

UM VENTO frio e cortante de inverno me gelava até os ossos enquanto eu me dirigia ao Hospital Infantil Número Um, em Minsk. Aquele prédio com jeito de armazém era o lar de 64 crianças com deficiências, muitas delas vítimas da radiação após o desastre de Chernobyl, em 1986. «Que lugar de-

primente», pensei, enquanto abria a pesada porta da frente.

Vim de avião até aqui para conhecer o órfão bielorrusso que esperava levar ao Reino Unido para tratamento médico. Igor Pavlovets, de 6 anos, concebido dois meses depois do pior acidente nuclear já ocorrido no mundo, nasceu com

Embora deformado de nascença pelo desastre nuclear na Ucrânia, ele enche nossa casa com seu amor à vida.

SEGUNDA NARRATIVA DE
BARBARA BENNETT
A ROBERT KIENER



Um menino de Chernobyl

sérias deformações físicas. Seus pais o abandonaram pouco após o nascimento.

Menos de 1 m, completamente envolvido num agasalho infantil, Igor veio caminhando para ser apresentado. Nascido com pernas muito curtas, pés como barbatanas e apenas um braço, seu andar se assemelhava ao de um chimpanzé, firmando-se no chão com o braço. Mas senti meu coração ir ao encontro desse pequeno ser corajoso. «Meu braço, meu braço novo!», disse ele em russo, enquanto ansiosamente remexia em minhas bolsas. «Trouxe?» Seus olhos castanhos resplandeciam de excitação. «Não, Igor», disse o tradutor. «É possível que esta senhora leve você para o país dela, onde vão lhe dar um novo braço.»

Vi então seus olhos se dilatarem e seu lindo rosto, emoldurado por um espesso cabelo castanho, vincarse num sorriso. De repente, eu já não via uma criança deformada; apenas alguém com 6 anos de incandescente exuberância.

«Olá, Igor», disse eu. «Quer vir comigo para a Inglaterra?»

Foi há quatro meses, junho de 1993, que Victor Mizzi, presidente da instituição de caridade Linha de Vida Para as Crianças de Chernobyl, me abordou sobre o Igor.

Meu marido, Roy, e eu já tínhamos tido em casa várias crianças de Chernobyl nos períodos de férias. Agora, a organização perguntava se podíamos ficar com esse menino durante seis meses, enquanto recebia tratamento hospitalar.

Antes, já tínhamos tomado conta de crianças com problemas, mas nenhuma tão seriamente incapacitada como Igor. Nossa filha adotiva de 16 anos, Sarah, repartia nossa casa de três quartos em Farncombe, no Surrey, com seis crianças, sob minha responsabilidade durante o dia como sua preceptora. Seríamos capazes de enfrentar a situação com o Igor? Vistas bem as coisas, nenhum de nós falava russo e ele não sabia inglês. E aquilo seria justo para o Roy, que há pouco se aposentara da construção civil?

Consultei a família toda: Roy, Sarah e nossos filhos, agora crescidos e vivendo já fora de casa. Roy, parecendo falar por todos, disse: «Nós conhecemos você e sabemos que o pequeno precisa de ajuda. Então, vá em frente.» Em outubro, voei para Minsk.

ANTES de poder ver o Igor, fui questionada pela Dra. Tamara Mourashova, médica-chefe do hospital. Ela pareceu muito interessada no assunto e perguntou pelo intérprete a razão por que eu o queria.

Compreendi que Igor era especial para ela. Um número infinito de vezes nesses seis anos ela o levava para sua casa nos fins de semana para junto de sua família. Havia sido para ele como uma mãe, e aqui estava eu, uma estranha, querendo levá-lo embora.

Falei de minha experiência e vi sua expressão suavizar-se. Depois de mais ou menos uma hora, ela corou, sorriu e, através do tradutor, me dis-

se: «Venha. Vamos conhecer o Igor agora.»

Três meses depois de a papelada toda estar tratada, ele e Tamara voaram para o aeroporto de Heathrow, a 4 de janeiro de 1994.

NO DIA seguinte à chegada de Igor, fomos a Sainsbury, perto de Godalming. Tamara pareceu chocada quando eu lhe disse onde íamos. «Levar Igor às compras?» Na Bielorrússia, os deficientes são escondidos. «Onde nós formos, Igor vai», disse-lhe eu com firmeza.

Tinha havido uma reportagem nos telejornais sobre a chegada do Igor, e por isso algumas pessoas se dirigiam a nós no supermercado e perguntavam, certificando-se: «É o menino que apareceu na televisão?» Igor sorria e dizia «obrigado», todo o inglês que ele sabia. Parecia encantar as pessoas. Tamara observava, obviamente satisfeita.

Igor não parava quieto enquanto eu e o Roy o empurrávamos no carrinho de compras por toda a loja. Ele estava fascinado com a variedade de produtos. Insistia em encher o carro com quivis, melões e comia uvas tão depressa quanto conseguia pegá-las.

Cada novo dia, trazia outras surpresas, tanto para o Igor como para nós. Ele queria saber o nome de tudo. Roy e eu repetíamos as palavras até ele conseguir nos imitar. Roy sorriu quando Igor começou a chamá-lo de «amigo».

Pela primeira vez em sua vida, esse menino tinha um quarto seu.

Tesoura, canetas e outros objetos começaram a desaparecer. Como ele nunca possuía nada, pensou que tinha de esconder as coisas para que não lhe fossem roubadas. Demorou semanas para perceber que tinha direito a mais um par de calças.

Tamara tinha que regressar a Minsk ao fim de três semanas. No dia anterior a ela partir, deixou-me dar banho em Igor. Pela primeira vez, percebi o grau de suas deformações. Ele tinha o ombro direito, mas sem braço; seus ossos dos quadris eram rudimentares e os superiores das pernas não existiam. Suas pequenas pernas de menino terminavam onde se esperava que estivessem os joelhos; quanto aos pés, disformes, cresciam em ângulo reto.

Quando o vi sentado na banheira, as lágrimas me vieram aos olhos. «Que crueldade», pensei. Imaginei tudo o que ele poderia conseguir. Depois, pensei em suas qualidades — a personalidade, a inteligência, a exuberância — para compensar sua deficiência física. Igor nunca pediu que tivessem pena dele, e jurei não deixar que ninguém sentisse pena dele.

Não tínhamos razão para preocupações. No início, as crianças que estavam a nosso cuidado durante o dia aceitaram-no assim que o conheceram. E ele se adaptou imediatamente, brincando com os brinquedos que tínhamos numa sala própria e perguntando o nome de tudo.

Quase imediatamente, notamos a extraordinária reação que Igor despertava nas pessoas. Numa entrevista à televisão, ele anunciou atra-

vés do intérprete: «Quando eu tiver meu braço, vou comprar um carro e guiar tão depressa que os guardas ingleses nem vão poder me apanhar! Zuuuum!» Durante semanas, fomos inundados por cartas e carinhos de brinquedo enviados por pessoas rendidas à sua coragem e sentido de humor. Duas irmãs de 7 e 9 anos escreveram: «Poupamos o dinheiro que tínhamos para as balas. Por favor, usem-no com o Igor e com crianças como ele.» Junto vinham 60 *pences*.

Graças a um tutor pago por uma autoridade local, o inglês de Igor melhorou rapidamente. Num instante, ele conseguia conversar com uma pronúncia única, meio soviética, meio inglesa local. Ensinei-o a contar usando meus dedos, mas Igor salientou que só podia contar até cinco: «Mão só tenho uma.»

Tornava-se óbvio que era bastante inteligente. Um dia, seguiu o Roy e viu-o substituir pastilhas de freio no automóvel. Quando o Roy foi para a segunda roda, ficou espantado com o Igor, que nunca vira ferramentas antes e entregava-lhe cada uma no momento preciso.

A sinceridade de sua atitude face à sua deficiência a todos surpreendia e comovia. Um dia, na piscina, enquanto ele se despia, um menino de 4 anos não conseguia parar de olhá-lo. Fitou a manga de Igor e perguntou: «Cadê seu braço?» Num abrir e fechar de olhos, Igor respondeu: «Ah, caiu hoje de manhã quando eu me vestia.» O menino correu na direção da mãe: «O braço da-

quele menino saiu e a mãe dele não pôs no lugar!» Todos riram e o embaraço desapareceu.

Em julho, Victor Mizzi e eu levamos Igor a Hugh Steeper, uma firma especializada em próteses, no Hospital Universitário Queen Mary, em Roehampton, para experimentar um braço artificial e umas botas de plataforma de desenho especial. Ele observou atentamente o ajustamento feito pelo especialista na colocação do braço e mão eletrônicos. Depois, as altas botas ortopédicas foram apertadas em seus pés. Os médicos ficaram espantados com o fato de ele se levantar e andar em alguns minutos. Nas duas horas seguintes, praticou progressivamente o uso do novo braço. Aprendeu a abrir e a fechar a mão, usando apenas um pequeno movimento do ombro, e num instante já pegava e segurava coisas.

Enquanto descansava, começou a desenhar. «O que é isso, Igor?», perguntei. Mostrou-me dois desenhos de si mesmo. Um mostrava-o com apenas um braço e uma expressão carregada. O outro, com dois e um grande sorriso.

Aproximava-se o fim da estada de seis meses de Igor na Inglaterra. Os médicos pediram-nos para ele ficar mais tempo. Acabamos fazendo um pedido de tutela ao tribunal. Agora sua casa é aqui, pelo tempo que necessitar de cuidados médicos, e um pedido de residência permanente feito pela Linha de Vida Para as Crianças de Chernobyl continua a pagar suas despesas.

Como todos os garotos, Igor quer experimentar tudo. Tenta jogar futebol, mas é muito pequeno e parece que anda sempre correndo em volta dos pés dos outros. Quando chuta uma bola com força, normalmente cai. Tive de aprender a não protegê-lo e a deixá-lo descobrir suas limitações. Mas nem sempre é fácil. Uns meninos de 8 e 9 anos me vieram perguntar se ele podia brincar com eles. Tive de lhes dizer que Igor era muito pequeno e poderia se machucar. Pois 20 minutos depois, quando passava pelo jardim de nossa casa, ouvi gritos e aplausos. Curiosa, parei e, para meu horror, vi Igor descendo uma ladeira num *skate*. De alguma forma, conseguia manter o equilíbrio, enquanto dois meninos corriam um de cada lado, preparados para pegá-lo caso ele caísse.

Assim que Igor aprendeu inglês o suficiente, era hora de ir para a escola. Começou na pré-primária local com crianças de 4 e 5 anos. No meio do ano, já ia suficientemente bem para estar no segundo ano. Agora, está no primário, onde, em muitas matérias, já conseguiu se ombrear às crianças de sua idade.

Desde que chegou, sua vida mudou drasticamente, e a nossa também. Roy e eu nos apaixonamos profundamente por esse poço de energia. No primeiro Natal que passamos com ele, ambos nos demos conta de como esse espantoso garoto se tinha tornado parte de nossas vidas. «Fiz um desenho», disse-nos o Igor sentado na mesa da cozinha, rodeado de papel e lápis de cor. Por cima

do carro vermelho dos bombeiros por ele pintado, havia um «para a mamã e o papai». Foi a primeira vez que ele usou essas palavras.

Quando descemos, na manhã seguinte, e ele viu a árvore de Natal cintilante e decorada com os presentes embaixo, ficou pasmo. «Uau! O Natal inglês é assim?», perguntou com os olhos esbugalhados. Quando lhe perguntamos como era o Natal em Minsk, nos respondeu: «Tinha sopa quente.»

Estamos todos cientes de que os maiores desafios para Igor ainda estão para vir. Os médicos acreditam que suas pernas nunca crescerão, enquanto a parte superior de seu corpo se desenvolverá, podendo ficar pesada demais para ele poder andar.

No entanto, continua a ser um fato que, entre as «crianças de Chernobyl», Igor é um dos felizardos. Milhares deles definham em algum inóspito hospital para órfãos. Um dia, tenho certeza de que ele trabalhará para lembrar ao mundo de que eles existem. Hoje, porém, está mais interessado em seu sonho de se tornar bombeiro.

Igor é um menino extraordinário. No primeiro verão, ele me falou várias vezes de uma amiga e de suas aventuras no parque de recreio para crianças com necessidades especiais, em Guildford. Intrigada, um dia depois de deixá-lo, fiquei observando. O Igor cambaleou até conseguir se colocar ao lado de uma menina numa cadeira de rodas elétrica. «Quem é?», perguntei a um ajudante do parque. «Ah, é a namorada do

Igor», respondeu-me o jovem com um sorriso.

Guiando sua amiguinha pelo parque de recreio, quando se aproximavam de um qualquer desnível, ele lhe dizia «devagar, devagar», e depois, «OK, agora depressa.» Nunca saía de seu lado.

Eu não podia acreditar no que

via. Depois, tudo fez sentido. Igor tinha simplesmente encontrado alguém que necessitava de sua ajuda. À sua maneira, ele mostrava que é nosso dever ajudar os outros.

Enquanto os olhava, afastando-se pelo recreio, reparei que todos temos tanto a aprender com esse notável menino chamado Igor.

FOTO: © DE NICHOLAS GOODALL

Surpresas no sapatinho

NO SECUNDÁRIO, eu era conhecida como sendo muito faladora. Meus colegas muitas vezes nem entendiam aquilo que eu dizia. Num ano, quando festejávamos o Natal, recebi um presente-surpresa anônimo. No embrulho, entre barras de chocolate e goma de mascar, estava um pequeno saco de plástico cheio de ar. A dedicatória dizia: «É ar. Não lhe faria mal tomar algum de vez em quando enquanto você fala.» — Lilla Kiss, Hungria

MINHA mulher queria dois presentes no último Natal: um detetor de metal e jóias. No dia de Natal, presenteei-a com um detetor de metal. Depois, logo a seguir ao jantar, disse-lhe que tinha mais um presente. Ela adivinhou logo que devia ser uma jóia.

— Onde é que está?

— Enterrada lá no fundo do quintal.

— Bill J. Naiva Jr., EUA

Detetive informático

UM SISTEMA informático desenvolvido pelo gigante alemão da eletrônica Siemens Nixdorf está ajudar a polícia em vários países europeus a identificar suspeitos com uma velocidade impressionante. Em alguns segundos, o sistema informa os detetives se uma impressão digital está entre um milhão de impressões de uma base de dados. O *software* baseia-se em «redes neuronais», uma forma de inteligência artificial que imita a associação complexa e os padrões lógicos do cérebro humano. Depois de uma impressão passar do *scanner* para o sistema, é confrontada com as que estão na base de dados, utilizando pelo menos doze pontos anatômicos de comparação. O sistema gera então uma lista média de cerca de 100 potenciais correspondentes e um especialista humano encarrega-se de procurar os pontos de identificação mais finos.

— Reinhard Fleckl, em *Die Presse*, Viena